

Olha só: Uma construção de movimento causado presumido

Sandra Bernardo*

Resumo – Análise da forma *olha só* como uma construção de movimento causado por transferência metafórica, com base no *princípio da não-sinonímia* (Goldberg 1995). A construção *olha só* é empregada com sentido de *prestar atenção* em conversas informais, sinalizando novos (sub)tópicos. É frequentemente utilizada na introdução de argumento contrário à posição defendida por outro participante da interação.

Palavras-chave – Gramática de Construções. Construção de Movimento Causado. Conversa. *Olha só*.

Introdução

Em trabalhos anteriores (2002, 2005a), postulei uma função sinalizadora para a expressão *olha só*, empregada com sentido de *prestar atenção*, devido ao papel que desempenha na construção conjunta do discurso conversacional, indicando¹ novos (sub)tópicos/referentes. Esse uso seria estruturado pelas metáforas COMPREENDER É VER, IDÉIAS SÃO OBJETOS e DISCURSOS SÃO FONTES DE LUZ (LAKOFF; JOHNSON, 2002).

Assim, com base em MARMARIDOU (2000), para quem a dêixis é uma projeção da metáfora APONTAR PARA, considerei tal sinalizador como um tipo de estratégia dêitica que orienta a construção da conversa. Em outras palavras, o ato físico de apontar é projetado num espaço conceptual. A dêixis é interpretada aqui como uma noção escalar em cujo extremo poderiam ser encontrados alguns mecanismos anafóricos e discursivos (BERNARDO, 2005b).

Apresento, neste texto, uma proposta de descrição do sinalizador *olha só* como uma construção de movimento causado por transferência metafórica (GOLDBERG, 1995), baseando minha hipótese, sobretudo, no *princípio da não-sinonímia* (idem, p. 67), segundo o qual se uma construção é sintaticamente distinta de outra(s), também deve ser semântica ou pragmaticamente distinta.

* Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro –UERJ, Brasil; Professora Adjunta da Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Brasil. E-mail: sandrapb@terra.com.br.

Além desse, outros três princípios, ligados à organização do discurso em termos psicológicos, orientam as relações entre as construções: (i) *princípio do poder expressivo maximizado*, segundo o qual o inventário de construções deve ser maximizado para dar conta dos propósitos comunicativos; (ii) *princípio da economia maximizado*, que diz respeito à minimização do número de construções distintas tanto quanto possível, considerando o princípio anterior; e (iii) *princípio da motivação maximizado*: se uma construção A está relacionada a uma construção B sintaticamente, o sistema da construção é motivado a ponto de estar relacionado à B semanticamente.

A abordagem sociocognitiva alinha-se a uma visão conexionista de processamento de linguagem, já que não considera a capacidade lingüística um componente autônomo em relação a outras habilidades cognitivas.

Nessa concepção, a linguagem é uma representação simbólica (não-objetiva) da forma como os seres humanos percebem e experienciam essa realidade. Assim, o significado lingüístico é incorporado, personificado; surge a partir da capacidade biológica e das experiências físicas e socioculturais captadas do meio ambiente. Conceitos podem ser metafórica e socialmente estruturados, porque o significado social se desenvolve internamente a partir de modelos e processos cognitivos particulares dos seres humanos.

Os conceitos abstratos são, em sua maioria, metaforicamente estruturados. A compreensão desses conceitos em interações planejadas localmente (on line), como a conversa, deve-se ao fato de as metáforas fundadoras subjacentes à conceptualização do discurso integrarem uma base comum de conhecimentos partilhada pelos falantes no curso da interação. Os sinais lingüísticos (junto a outros sinais) guiam esse processo de conceptualização diretamente do contexto de uso.

Na próxima seção, exponho algumas assunções basilares da gramática das construções para o estudo da estrutura argumental dos verbos; em seguida, passarei à análise da expressão em estudo, cujas ocorrências foram extraídas do *Banco de dados interacionais* [BDI] (RONCARATI, 1996), e às considerações finais acerca das reflexões tecidas.

Gramática de Construções

Segundo GOLDBERG (1995)², as extensões de sentido observadas no emprego de certos verbos são possíveis, porque os falantes armazenam

padrões construcionais e não informações sobre os itens lexicais individualmente.

No âmbito da Gramática das Construções (GC), não há uma divisão estreita/exata entre léxico e sintaxe, nem entre semântica e pragmática. Goldberg (p. 5) parte da hipótese de que construções de cláusulas elementares estão associadas a estruturas semânticas que refletem cenas básicas da experiência humana³. A ligação entre os componentes sintático e semântico ocorre por transferência metafórica de eventos encenados.

As construções da estrutura argumental consistem em uma subclasse especial de construções que produzem sentidos básicos das cláusulas, como se pode observar no quadro, abaixo:

| CONSTRUÇÃO | SIGNIFICADO |
|-------------------------------------|---------------------------|
| Bitransitiva SUJ-V-OD-OI | X CAUSA Y RECEBER Z |
| Movimento causado SUJ-V-OD-OBL | X CAUSA Y MOVER-SE PARA Z |
| Resultativa SUJ-V-OD-PRED | X CAUSA Y TORNAR-SE Z |
| Movimento intransitivo SUJ-V-OBL | X MOVE Y |
| Conativa SUJ-V-OBL | X DIRECIONA AÇÃO PARA Y |

Quadro 1 - Construções básicas segundo GOLDBERG (1995)

GOLDBERG (p. 4) define construção como “um par forma-sentido <Fi, Si> em que algum aspecto de Fi ou de Si não é estritamente preditível das partes componentes dessa construção, ou de outras construções previamente estabelecidas”. Em outras palavras, padrões frasais são considerados construções se algum aspecto sobre sua forma ou seu significado não é completamente previsível de suas propriedades ou das partes que a compõem, bem como de outras construções. Assim, construções são consideradas unidades básicas da língua.

Entre as vantagens dessa abordagem, apresentadas por GOLDBERG (p. 9-21), destaco a perfeita compreensão de sentidos novos dos verbos e o fim de definições circulares quanto à classificação dos verbos com base em seu comportamento sintático. Um sentido aparentemente implausível

como o do verbo *espirrar*, na frase *Ela espirrou o guardanapo para fora da mesa^A*, exemplificado pela autora, é perfeitamente compreendido porque está associado à construção de movimento causado por expulsão forte de ar que envolve um agente e um alvo a ser deslocado como participantes do evento encenado. Em termos sintáticos, como não se está trabalhando com o item lexical *espirrar*, mas com a referida construção, o emprego desse verbo com complemento também seria descrito adequadamente sem ser considerado uma exceção.

Essa abordagem evita classificações baseadas em definições circulares do tipo o verbo X tem seu sentido completado por n-argumentos, porque requer n-complementos e, porque requer n-complementos, tem seu sentido preenchido por n-argumentos. Essa visão, presente em abordagens que consideram a sintaxe como uma projeção de uma exigência lexical, é substituída pela concepção de que as sentenças são instâncias da representação construções baseadas nos eventos experienciados. O verbo está integrado ao significado da construção.

As construções, que especificam a integração entre o verbo e os papéis dos participantes da cena discursiva, estão associadas a conjuntos de sentidos relacionados e não a um sentido fixo, por isso são polissêmicas. O sentido de uma construção está relacionado a um enquadre (*frame*) semântico subjacente à cena representada simbólica e parcialmente pela expressão verbal. Esses enquadres integram o conhecimento de mundo partilhado pelos falantes, que podem codificar a cena de diferentes formas, colocando em FOCO determinados participantes e deixando outros subespecificados.

Combinações particulares de papéis que assinalam as cenas consideradas humanamente relevantes estão associadas às construções da estrutura argumental, que, por essa razão, emolduram o mundo em tipos de eventos classificados discretamente, ao passo que os verbos estão associados a significados do enquadre semântico mais rico. Deve haver uma co-referência entre verbos e construções, para que os verbos expressem, conseqüentemente, a informação sobre a qual tipo de evento estão associados (p. 40). Subjaz a essa visão, segundo Goldberg, a noção de *arquétipo conceptual* de LANGACKER (1991, p. 294-295):

Certos aspectos recorrentes e nitidamente diferenciados das experiências humanas emergem como arquétipos, que normalmente são usados para estruturar possíveis concep-

ções. Uma vez que a língua é um meio de descrever essas experiências, tais arquétipos são naturalmente capturados como valores prototípicos dos construtos lingüísticos básicos [...] Extensões do protótipo podem ocorrer devido à propensão humana de interpretar o que é novo ou pouco familiar a partir do que já está bem estabelecido, e à pressão para adaptar de forma ilimitada e contínua um inventário limitado de unidades convencionais, a fim de dar conta das situações que requerem expressões lingüísticas.

Os papéis participantes dos eventos encenados, incluídos no enquadre semântico dos verbos, são instâncias dos papéis argumentais (agente, paciente, alvo) que integram as construções, porque apontam as restrições seletivas específicas do emprego de cada verbo (p. 43), determinando os aspectos do enquadre semântico a serem recortados (*profile*). A autora exemplifica a diferença de recorte dos verbos *rob*, que destaca os participantes **ladrão** e **vítima**, e *steal*, que destaca **ladrão** e **bens**⁵. Nesse contexto, pode-se estabelecer um paralelo com os verbos *roubar* e *furtar* em português: o primeiro representa um ato mais grave juridicamente, porque destaca o uso de arma contra a vítima do roubo, já o segundo ressalta o **ladrão** e o **bem furtado**.

A integração entre o papel participante e o papel na estrutura argumental da construção é determinada por dois princípios que testam a compatibilidade entre tais papéis quanto a possíveis restrições semânticas:

- (i) *Princípio da coerência semântica* – somente papéis semanticamente compatíveis podem ser interligados: dois papéis p_1 e p_2 são semanticamente compatíveis, se p_1 puder ser construído como uma instância de p_2 , ou este puder ser construído como uma instância daquele.
- (ii) *Princípio da correspondência* – cada participante lexicalmente recortado e expresso deve ser interligado a um papel argumental recortado da construção, mesmo que um deles não seja preenchido sintaticamente.

Na Figura 1, abaixo, pode-se observar a fusão entre os papéis participantes do evento encenado e os papéis argumentais da frase *Ela espirrou o guardanapo para fora da mesa*.

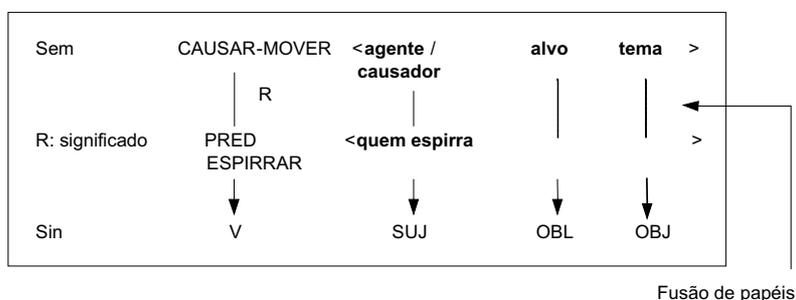


Figura 1 - Construção de movimento causado

O significado está associado diretamente à construção CAUSAR-MOVER que configura os papéis argumentais de **agente/causador**, de caráter menos volitivo, **alvo/objetivo** e **tema**. ESPIRRAR preenche a variável PRED, cuja função é integrar o verbo à construção. No caso da referida sentença, a construção específica, com uma linha sólida, somente o papel de **causador** que será amalgamado ao papel de participante que integra o enquadre semântico do verbo. A linha pontilhada indica os papéis que, embora não recortados sintaticamente, contribuem com o sentido da construção. R indica o tipo de relação responsável pela integração do verbo à construção.

O princípio da coerência semântica monitora a integração dos papéis dessa construção, bloqueando a fusão entre **guardanapo** e **tema** e entre **fora da mesa** e **meta**, devido à extensão de sentido do emprego de *espirrar*; contudo, tais papéis contribuem para conceptualização da construção. Em outras palavras, a compreensão do sentido desse verbo, bem como sua linearização sintática, deve-se ao fato de os falantes armazenarem padrões construcionais, não apenas o sentido do verbo isoladamente, o que, nesse caso, seria implausível.

Logo, as relações entre a semântica dos verbos e a das construções podem-se configurar da seguinte forma: o evento designado pode ser um subtipo do evento da construção e/ou pode designar o significado, o resultado ou a condição da construção. Em alguns tipos de extensões, pode ainda designar a maneira, o significado ou a intenção quanto ao resultado da construção. Além disso, os eventos designados pelo verbo e pela construção devem partilhar pelos menos um participante.

As construções constituem uma rede e são ligadas por relações de herança que motivam muitas propriedades de uma construção particular. Essa rede de herança permite capturar generalizações entre as construções, além de sub-regularidades e exceções (p. 67).

Olha só: uma construção de movimento causado

Os casos de *olha só*, estudados em trabalhos anteriores, revelaram sentidos interpretados como prototípicos, limítrofes e metafóricos. O *só* funciona como um delimitador que atenua o custo da atenção dos demais participantes e/ou a posição defendida pelo falante. No excerto (1), abaixo, um caso de *olha só* prototípico.

(1) M = 013 Ô meu pé inchado

olha só. ... Chega a fazer dobrinha ... tá vendo? (BDI 2b)

Nessa passagem, a falante M muda o tópico da conversa, sinalizando seu pé inchado, já que, na passagem anterior, duas participantes do evento comentavam sobre teor calórico do arroz-doce que estava sendo preparado por uma delas. Trata-se, portanto, de um *olha só* prototípico, em que o *só* ressalta o inchaço. Em (2), abaixo, ilustro um caso considerado limítrofe:

(2) M = 333 UAU! ... Que lindo! ... Que baRA:to!

J = 337 *Olha só* gente. ... Tem que ser caro assim mesmo. (BDI 2b)

Em passagem anterior a (2), as falantes vinham discutindo sobre os produtos da Natura serem caros ou não, enquanto examinavam alguns produtos, até que M ressalta a beleza de um estojo de maquiagem, levando a falante J a retomar a questão do valor dos produtos dessa empresa. Logo, um caso de *olha* com função limítrofe, pois, ao mesmo tempo que a falante pode estar mostrando o estojo, também está reforçando a tese de que os produtos não seriam tão caros, se considerada a qualidade dos mesmos. Nos excertos (3) a (5), apresento casos de *olha só* que sinalizam argumentos, em cuja análise me concentrarei neste trabalho.

(3) M = 405 *Olha só*... porque a Maria Amália... você sabe eles têm medo... né? (BDI 5)

(4) R = 528 *Olha só!*... Eu fiquei com raiva... porque eu- eu fui lá... com toda boa vontade... me vesti de noiva (BDI 5)

(5) M = 751 *Olha só*... é que vocês rodam- ((Pigarreando)) {segue trecho com superposição}

759 Hein Júlio.

760 Vocês rodam... prova demais. (BDI 5)

Em (3), a falante introduz um (sub)tópico questionando a intervenção de uma colega na organização da festa junina, uma pessoa que aparentemente se impõe em relação aos demais colegas. O *só* delimita/atenua a força da crítica, protegendo a face da falante. Em (4), a falante R relembra falta de reconhecimento de seus esforços para participar da festa junina, que, segundo sua avaliação, foi mal organizada. Nesse caso, o *olha só*, com entonação exclamativa, reitera a indignação da falante. A passagem de (5) refere-se a um trecho em que os participantes da conversa estão reclamando dos gastos com cópias de provas e da relação preço-qualidade do serviço de algumas copiadoras próximas à escola. Nesse contexto, a falante introduz de forma modalizada uma crítica à postura dos colegas.

Em todas essas ocorrências, o *olha só* assinala a abertura de um novo (sub)tópico na conversa que reforça a posição do falante, de forma modalizada. A expressão *olha só* também ocorreu em momentos de ameaça à posse de seu turno, devido a interrupções de outros participantes, como forma de o falante sinalizar aos interlocutores que está chegando ao seu objetivo, ou seja, é como se sinalizasse que quer somente mais um pouco da atenção dos demais participantes. Nesse sentido, minimiza a necessidade de atenção.

De uma maneira geral, pode-se considerar como propriedades comuns às formas analisadas aqui o fato de participarem da estruturação do discurso em termos organizacionais, já que sinalizam etapas da construção do discurso, e conceituais, na medida em que sinalizam FOCOS e PONTOS DE VISTA do enquadre dessa construção. Em outras palavras, tais formas sinalizam etapas, posições e intenções inerentes à produção/compreensão do discurso conversacional.

Em termos sintáticos, o verbo *olhar* aparece ligado a complementos preposicionados (contra, em, para, por) e não-preposicionados, bem como na forma intransitiva. LUFT (1987) apresenta, com base na noção de regência, seis classificações para esse verbo, considerando também o sentido expresso, o qual, por sua vez, apresenta-se bem variado, já que, em HOUAISS (2001), lhe são registradas 18 acepções.

A partir do pressuposto cognitivista de que o significado lingüístico é corporificado, interpretei o sentido de fixar os olhos (sentido físico da

visão) do verbo *olhar* como prototípico. Embora LUFT (1987) e HOUAISS (2001) não assinalem como figurado o uso de *olhar* como *prestar atenção*, em seu étimo latino *adoculāre*, de *ad* ‘direção para algum lugar ou objeto’ + *ocŭlō* ‘dar vista, esclarecer (fig), abrilhantar (fig.)’, esse sentido era tido como figurado em latim. Dessa forma, considerei *olhar* = *prestar atenção* uma projeção metafórica da experiência física de fixar os olhos em algo.

Assim, os sentidos mais abstratos de *olhar* (*dirigir a atenção, considerar, ponderar, examinar, estudar, atentar* etc., conforme LUFT), que denotam percepção não apenas física, mas também mental, aproximam-se do sentido *ver*⁶, que remete à impressão mental causada pelos objetos, ao entendimento, daí as metáforas COMPREENDER É VER e IDÉIAS SÃO OBJETOS.

Venho concebendo a conversa como um evento encenado numa arena na qual os falantes defendem suas posições, a fim de atingir um objetivo comum. Trata-se, assim, de um espaço a ser percorrido metaforicamente, visando ao entendimento. Essa formulação é estruturada com base na metáfora conceitual DISCUSSÃO É UMA GUERRA. A dimensão espacial de organização do discurso conversacional leva à interpretação da conversa como um recipiente de onde se pode retirar e colocar objetos.

À medida que o discurso é interpretado/construído conjuntamente pelos participantes, idéias-objetos são trazidas para um campo de visão: o recipiente onde se encontram os objetos (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 82). Logo, as posições apresentadas pelos falantes são objetos representados num campo visual: O DISCURSO É UMA FONTE LUZ (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 113). Como a forma *olha só* é empregada em passagens que envolvem a sinalização de novos (sub)tópicos, a conceituei como uma projeção da metáfora orientacional EVENTOS FUTUROS SÃO PARA FRENTE, cuja base física é o fato de os olhos voltarem-se para a direção em que se move (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 62-63). Daí projeção da metáfora APONTAR-PARA para explicar as estratégias dêiticas discursivas.

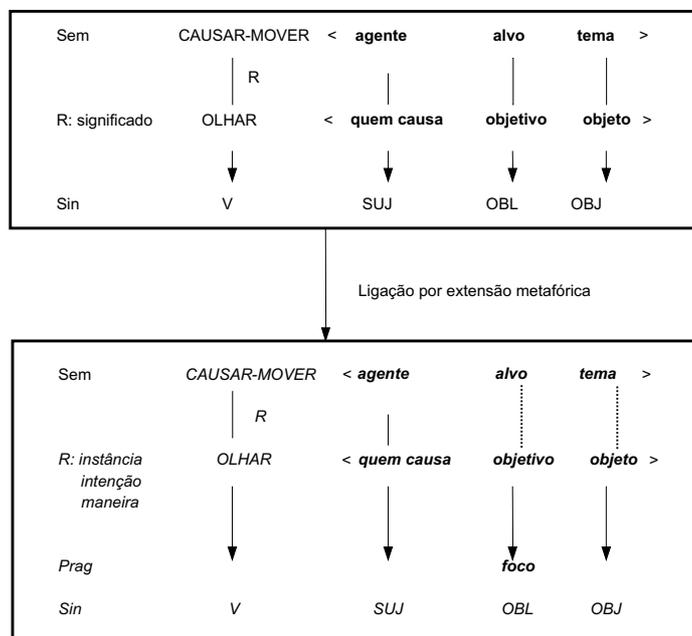
Dada a diversidade semântica e sintática do verbo *olhar*, ao refletir sobre o esquema conceptual relacionado ao seu uso como sinalizador, postulei o esquema de movimento das construções de movimento causado (doravante CMC) para tal emprego, baseada nos participantes do enquadre semântico de eventos encenados pelo verbo *olhar* com sentido prototípico de *fixar os olhos*, a saber:

| | | | |
|----------------------------------|-------------|----------|--------------------------|
| Participantes do evento encenado | <quem causa | objetivo | objeto movido pela ação> |
| Papéis argumentais | <agente | alvo | tema> |

Quadro 2 - Esquema do CMC

Esse esquema conceptual é projetado metaforicamente, quando se emprega na conversa a forma *olha só*, para a qual também postulei uma CMC, porque visa ao deslocamento da atenção dos interlocutores. Assim, quando o falante_x emprega essa forma, está sinalizando ao falante_y a necessidade de que este desloque sua atenção para o objeto que se encontra no campo visual recortado pelo falante_x, ou seja, X CAUSA Y MOVER SUA ATENÇÃO. A partícula *só* delimita metaforicamente o objeto que está no campo visual do falante_x, conduzindo a atenção do falante_y para o objeto em FOCO. Portanto, devido ao papel de sinalizador, *olha só* orienta o caminho a ser seguido, porque O DISCURSO É UMA FONTE DE LUZ.

Na Figura 2, abaixo, exponho a representação da construção proposta para a forma em estudo.

Figura 2 - Construção *olha só*

A relação entre as construções ocorre por extensão de sentido, que reflete a intenção do falante de guiar a maneira como sua posição deve ser interpretada. O FOCO desse objetivo é capturado pelo contexto discursivo, por isso também está representado como um recorte pragmático, conceptualizado pelo delimitador (*hedge*) *só*, que permite uma interpretação modalizada do discurso e protege a face do falante.

A construção gerada pela CMC básica herda o papel de **agente**, satisfazendo os princípios (i) da correspondência – cada participante lexicalmente recortado e expresso deve ser interligado a um papel argumental recortado da construção, mesmo que um deles não seja preenchido sintaticamente, e (ii) da coerência semântica – somente papéis semanticamente compatíveis podem ser interligados. O princípio cognitivo da não-sinonímia também está satisfeito, já que semanticamente os sentidos são distintos.

Apesar de os papéis de **alvo** e **tema** não terem sido preenchidos sintaticamente, o deslocamento da atenção dos interlocutores (tema) para o campo de visão (alvo) do falante que sinaliza o início de um novo argumento estão estruturados na construção em termos semânticos e pragmáticos. Esses papéis argumentais podem deixar de serem preenchidos, porque os participantes do enquadre semântico do verbo *olhar* são fornecidos pelo contexto discursivo da interação. Trata-se, portanto, de complementos nulos definidos (recuperados) pelo contexto.

Entre os sentidos apontados por GOLDBERG (1995, p. 161-163) para a interpretação da CMC, a função de *olha só* na conversa, no que tange à efetivação de movimento, pode estar condicionada à satisfação do ato denotado pelo predicado, devido à intenção, não à garantia, de o falante_x levar seus interlocutores a mover sua atenção para o tópico sinalizado.

A CMC cujo sentido está ligado à satisfação condicionada do ato denotado pelo predicado vinculado⁷ à cena recortada codifica o emprego de verbos que designam atos comunicativos, como *ordenar*, *convidar*, *perguntar*, *chamar*. Tais casos não acarretam necessariamente um movimento do argumento **tema**, por isso a autora propõe a representação do significado da construção com letras minúsculas: **X causa Y se mover para Z**⁸.

A abordagem construcional permite, dessa forma, integrar à CMC verbos que lexicalmente não envolvem movimento real, daí a possibilidade

de emprego do verbo *olhar* com sentido de prestar atenção na construção *olha só*: um ato comunicativo na interação conversacional que visa à adesão dos participantes da cena comunicativa quanto às posições defendidas.

A fim de testar a análise da CMC *olha só* proposta aqui, submeti essa construção a algumas restrições semânticas apresentadas por GOLDBERG (1995, p. 165ss), quanto ao argumento causador, à causação e ao caminho do movimento.

Em termos semânticos, o papel argumental ligado ao causador do movimento deve ser agente ou força da natureza. Logo, essa restrição é preenchida pela CMC em estudo, porque, embora menos volitivo, devido ao caráter intencional da construção, o participante causador da ação apresenta o traço [+ animado].

A primeira restrição sobre os tipos de situação que podem ser codificados pela CMC com vistas a uma causação direta⁹, diz respeito à necessidade de ausência de decisão cognitiva entre o evento encenado e movimento acarretado/pretendido¹⁰. Em outras palavras, para que o movimento seja efetivado, o argumento codificado pelo objeto não deve expressar a possibilidade de agir ou não, como se observa em verbos como *persuadir*, *convencer*, *encorajar* em oposição a *assustar*, *coagir*, *enganar*, que expressam uma assertividade maior do agente sobre o tema. Essa restrição também é satisfeita, na medida em que o verbo da construção *olha só* apresenta um caráter assertivo quanto à ação pretendida pelo falante.

A segunda restrição, segundo a qual o movimento ao longo do caminho deve ser presumido, caso o tema não seja realmente deslocado¹¹, como na frase *Pedro mandou Paulo para cadeia*, fundamenta a primeira: o fato de o falante manter a posse do turno e expressar sua posição após o emprego da construção *olha só* pode implicar a atenção dos interlocutores, confirmando o caminho seguido metaforicamente.

Relacionada à embalagem da informação, a terceira restrição envolve cenários convencionados embalados como um único evento¹², a despeito da interferência de outra causa. Isso ocorre na frase *Tininha corta cabelo no salão da Eliane*, cujo cenário envolve um profissional que realiza a ação de cortar o cabelo. O requisito de cenário é fundamental para interpretação da construção *olha só*, que pressupõe atos conjuntos dos participantes na organização da conversa. Devido à natureza econômica desse tipo de interação, conteúdos subentendidos são freqüentes, porém perfeitamente interpretados nas conversações.

Considero essa característica um aspecto que licencia a ausência de preenchimento sintático dos argumentos tema e alvo. A configuração sintática de *olha só* na conversa é corroborada pela quarta restrição apontada por GOLDBERG (1995, p. 172), que estabelece possibilidade de o caminho não ser especificado, quando a CMC não implicar um movimento real, efetivo, ou quando codificar um deslocamento ou mudança de estado acidental¹³.

A última restrição semântica apontada pela autora está ligada à necessidade de o caminho percorrido ser completamente determinado pela força causadora do movimento, sem ajuda de nenhuma outra força¹⁴, como ocorre na frase *Ele tocou a bola morro abaixo*¹⁵, em que um simples toque não conduziria a bola por esse caminho sem ajuda da força da gravidade. A construção *olha só* também se mostrou refratária a essa restrição, pois o intento do falante de buscar a atenção de seus interlocutores, a fim de conduzi-los à posição defendida, é a única força responsável por tal caminho.

Portanto, as primeiras reflexões acerca da CMC em estudo, à luz das restrições semânticas propostas por GOLDBERG (1995), mostraram-se produtivas e plausíveis, revelando a adequação da proposta adotada e a possibilidade de o verbo *olhar* integrar esse tipo construção. A formulação dessas restrições ligadas ao contexto licencia a relação entre verbos lexicalmente não causativos e a CMC.

Considerações finais

A ferramenta teórica utilizada na análise apresentada permitiu-me avançar na descrição formal da CMC *olha só*, já que foi possível caracterizar a relação entre os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos dessa construção. Com a continuidade da pesquisa, pretendo, além refinar a descrição desse tipo de sinalizador, investigar os tipos de *olha só* caracterizados como limítrofes e prototípicos. A diferença entre eles poderia ser estabelecida a partir dos corolários do princípio da não-sinonímia, que me possibilitariam trabalhar construções ligadas semanticamente, porém distintas pragmaticamente, devido ao papel desempenhado na argumentação conversacional. Tal questão norteará os próximos estudos.

Notas

- ¹ O conceito de sinalizador foi elaborado com base em CLARK (1996), para quem os atos comunicativos ocorrem por meio de sinais naturais (ou indícios), quando a língua é utilizada. O autor define tais sinais como “um ato pelo qual os participantes coordenam o próximo passo na atividade em andamento” (p. 132). A partir dos conceitos de ícone, índice e símbolo (tomados de Pierce), CLARK (op. cit.) postula três métodos de sinalização usados na comunicação: (i) descrição – falante e ouvinte coordenam a ativação da mesma regra para cada símbolo usado; (ii) indicação – localização de entidades no contexto da atividade; (iii) demonstração – maneira como entidades se apresentam, criando uma representação mental acerca da aparência dos objetos (termo tomado em uma acepção ampla para referir pessoa, lugar, objetos em sentido estrito etc.).
- ² Como as referências a GOLDBERG (1995) constituem a base desta seção, doravante especificarei somente o número da página, quando referenciar essa autora.
- ³ Hipótese da codificação de cenas: construções que correspondem a tipos básicos de sentença codificam, assim como seu sentido central, eventos básicos da experiência humana (GOLDBERG, 1995, p. 39). Essa hipótese origina-se nos trabalhos de Charles J. Fillmore e Paul Kay entre outros, como aponta a referida autora.
- ⁴ *She sneezed the napkin off the table*. Alguns leitores de Goldberg consideram essa frase agramatical em português, contudo, desde a primeira leitura, consigo perceber a cena codificada por tal frase, daí a considero possível.
- ⁵ Os papéis participantes e os papéis argumentais são indicados pelo grifo em negrito.
- ⁶ BORBA (1996) classifica *ver* e *olhar* como verbos percepção que distam por este ser um verbo de ação e aquele, de processo. LUFT (1987) considera *ver* mais genérico, ligado à impressão/sensação que os objetos causam nos olhos, ao passo que *olhar* relaciona-se a ação de dirigir os olhos para o objeto. “Pode-se olhar sem ver”, segundo o LUFT (cf. verbete *olhar*). Essa diferença é marcada no papel de demonstrador que a construção *você vê* desempenha na conversa (BERNARDO 2002, 2005c), prefaciando argumentos, em comparação ao papel de *olha só*, que sinaliza a introdução do argumento, chamando a atenção do interlocutor. Em outras palavras, o emprego de *você vê* está relacionado à demonstração/desenvolvimento do argumento, com vistas à comprovação da posição; já o de *olha só* liga-se à apresentação de uma posição.
- ⁷ *The conditions of satisfaction associated with the act denoted by the predicate entail.*
- ⁸ As informações herdadas da CMC básica estão grifadas em itálico na CMC gerada por extensão metafórica.
- ⁹ *Constraints on direct causation.*
- ¹⁰ *No cognitive decision can mediate between the causing event and the entailed motion.*
- ¹¹ *If motion is not strictly entailed, it must be presumed as a ceteris paribus implication.*
- ¹² *Conventionalized scenarios can be cognitively packaged as a single event even if an intervening cause exists.*
- ¹³ *If the activity causing the change of state (or effect), when performed in the conventional way, effects some incidental motion and, moreover, is performed with the intention of causing the motion, then*

the path of motion may be specified.

¹⁴ *The path of motion must be completely determined by the causal force.*

¹⁵ Exemplo adaptado de GOLDBERG (1995, p. 172): **He nudge the ball down the incline./He nudge the golf ball into the hole.*

Olha só: A presumed caused-motion construction

Abstract – Analysis of the form *olha só* as a movement construction caused by metaphorical transfer, on the basis of the *principle of non synonymy* (Goldberg 1995: 67). The construction *olha só* is used in the sense of *pay attention* in informal conversation, signalling a new topic. It is frequently used in the introduction of an argument which is contrary to the position defended by another participant of the interaction.

Key words – Constructions Grammar. Caused-motion construction. Conversation. *Olha só*.

Referências bibliográficas

BERNARDO, Sandra Pereira. *Foco e ponto de vista na conversa informal: Uma abordagem sociocognitiva*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2002. 221 f. (Tese de Doutorado em Lingüística).

_____. *Olha só, olha lá na dêixis conversacional*. In: *Cadernos do CNLF*, v. 9, n. 11: Análise do Discurso. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2005a, p. 174-180.

_____. *Dêixis conversacional e metáfora*. In: CONGRESSO SOBRE METÁFORA NA LINGUAGEM E NO PENSAMENTO, 2., 2005b. Universidade Federal Fluminense, Niterói,.

_____. *Pronome você na dêixis conversacional*. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 13, n. 2. Belo Horizonte: Faculdade de Letras-UFMG, 2005c, p. 171-192.

BORBA, Francisco S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.

CLARK, Herbert H. *Using language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: Chicago University Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar vol. I: theoretical prerequisites*. Stanford/California: Stanford University Press, 1987.

_____. *Foundations of cognitive grammar*. V. 2: Descriptive application. Stanford/California: Stanford University Press, 1991.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ática, 1987.

MARMARIDOU, Sophia S.A.. *Pragmatic meaning and cognition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 2000.

RONCARATI, Cláudia (org.). *Banco de dados interacionais*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras – UFRJ/CNPq, 1996.

SILVA, Augusto Soares da. Da semântica da construção à semântica do verbo e vice-versa. In: *Razões e Emoção*. V. 2: Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus. Lisboa: INCM - Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003, p. 383-402.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino português*. Porto: Gráficos Reunidos, 1942 (data do prefácio da segunda edição).

Recebido e aprovado para publicação em maio de 2006.